

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE

Wesley de Souza Arcassa

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
(IBGE)

Fundação Educacional de Penápolis (FUNEPE)
Penápolis – SP

KEYWORDS: Richard Hartshorne; Method in Geography; History of Geographical Thought.

1 | INTRODUÇÃO

RESUMO: Na década de 1920, emerge no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne (1899-1992), cuja obra ainda encontra-se a espera de maior análise e difusão. Tendo como base esta ideia, o texto em questão tem como objetivo analisar um aspecto central da produção hartshorniana, sua concepção de método para a ciência geográfica, além de evidenciar os avanços prestados neste campo do saber científico.

PALAVRAS-CHAVE: Richard Hartshorne; Método em Geografia; História do Pensamento Geográfico.

ABSTRACT: In the 1920s, emerges in North American Academia the geographer Richard Hartshorne (1899-1992), whose work still is waiting more analysis and diffusion. Based on this idea, the paper in question objective analyze a central aspect of the Hartshornian production, your conception of method for geographic science, beyond evidence the advances implemented in this field of scientific knowledge.

A moderna concepção de Geografia tem sua base em estudos desenvolvidos por Immanuel Kant no século XVIII, os quais foram posteriormente aprofundados pelos geógrafos. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX há um resgate, além de uma melhor difusão das ideias de Kant, por meio do movimento que ficou conhecido como neokantismo, o qual teve em Alfred Hettner uma de suas figuras de maior destaque.

A partir da segunda metade da década de 1920, emergiu no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne (1899-1992), responsável pela difusão e análise dos conceitos kantianos e hettnerianos em nível internacional. Sua obra teve grande impacto na Geografia, pois foi capaz de realizar o que até então não havia sido produzido nessa ciência, estudos de cunho epistemológico e metodológico, além de sistematizar significativa parcela das teorias produzidas pelos autores “clássicos” desse ramo do saber científico.

Nesse sentido, o texto em questão, fruto de pesquisas em nível de doutorado com ênfase na área de História do Pensamento Geográfico,

objetiva realizar um exame crítico de aspectos teóricos da obra de Hartshorne, buscando compreender sua influência perante a Geografia produzida desde a segunda metade do século XX. Além disso, procura-se evidenciar também os avanços prestados pelo teórico principalmente no campo de estudo do Método em Geografia.

2 | METODOLOGIA

Como princípio metodológico norteador para a elaboração do presente trabalho utilizou-se principalmente o levantamento de bibliografias concernentes à temática, oriundas de diferentes fontes e suportes. Isso porque, o trabalho realiza uma análise essencialmente teórica do assunto nele abordado.

Em contrapartida ao estudo dos principais aspectos do método na obra hartshorniana faz-se necessário também compreender o período histórico no qual se insere o autor, o que denota a utilização de um arcabouço metodológico advindo da História da Ciência.

Os produtos finais obtidos no estudo objetivam servir de respaldo para a execução de análises e estudos futuros em relação às temáticas: Richard Hartshorne; Método em Geografia; História do Pensamento Geográfico; e, Escola Norte-Americana de Geografia.

3 | A HISTÓRIA DA CIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para compreensão do lugar ocupado por Richard Hartshorne na matriz histórica da Geografia optou-se pelo uso da História da Ciência. Esta não é um conjunto de biografias de grandes personagens. Também não é um conjunto de relatos cronologicamente organizados sobre descobertas marcantes. Um historiador da Ciência não costuma escrever trabalhos do tipo “os grandes gênios da humanidade”. Isso porque, seu objetivo não é mostrar determinadas pessoas como “heróis” que tornaram a Ciência o que ela é hoje, em contraposição a “vilões” que atrasaram a evolução dessa Ciência.

A História da Ciência estuda o processo de construção do conhecimento, mas isso não quer dizer que os pesquisadores dessa área analisam o passado e procuram as origens do que deu certo, separando a história do conhecimento genuíno daquilo que foi rejeitado. Considerar a Ciência somente a partir dessa premissa seria incorrer em um anacronismo, ou seja, focar o passado pensando apenas no que hoje é aceito.

Nesse sentido, pode-se dizer que a História da Ciência tem como objeto de estudo não apenas o que hoje é aceito como Ciência, mas sim, o que em alguma época e de algum modo foi proposto ou aceito como Ciência. Dessa forma, é possível estabelecer que a História da Ciência seja uma disciplina profissional e rigorosa, a qual reclama o

mesmo nível de exigência e conhecimento que qualquer outra área de estudo.

Na concepção de Kragh (2003, p. 35):

[...] a única forma de alcançar um entendimento verdadeiro da dinâmica atual da ciência moderna é através da análise histórica, uma análise que não será histórica apenas no sentido de considerar a ciência na sua dimensão temporal, mas também no sentido de usar as técnicas e os métodos que caracterizam a investigação histórica.

De acordo com Ferreira e Martins (2009, p. 14), embora não haja uma “receita infalível” para um bom trabalho em História da Ciência, alguns pontos podem ser destacados a esse respeito. O historiador da Ciência escolhe temas restritos e os trata de forma aprofundada. Na realidade, essa é uma exigência fundamental na pesquisa acadêmica, não somente em História da Ciência.

Portanto, pode-se inferir que não é possível empreender uma pesquisa sobre História da Geografia de modo geral. É necessário escolher uma questão que será tratada, alguma controvérsia que pode ser estudada, algum aspecto do trabalho de determinado autor etc. Assim, como recorte temático do presente estudo optou-se por desenvolver uma análise sobre a parcela da produção hartshorniana voltada à questão do Método em Geografia.

O trabalho em questão justifica-se pelo fato de que a produção teórica hartshorniana em partes, ainda, demanda um maior estudo e interpretação, principalmente no que concerne ao impacto causado à Geografia. Outro elemento que demonstra a importância da temática abordada consiste no fato de que sua área de concentração — História do Pensamento Geográfico — carece de trabalhos que envolvam os aspectos teóricos dos autores tidos como “clássicos”, sendo este campo de estudo da ciência geográfica, por vezes, relegado pela maior parte dos membros da comunidade científica.

Partindo da premissa de que a História da Ciência procura estudar a construção do conhecimento de uma época dentro do seu próprio contexto, cabe destacar as explicações de Claval (2011, p. 256), o qual considera que o período entre as duas guerras mundiais é muito mais marcado pelo alargamento do campo de estudo da Geografia que pelo seu aprofundamento. Os geógrafos passaram a explorar o mundo rural, analisar as realidades urbanas, voltando-se às atividades econômicas e se apaixonando pelos conflitos políticos. Na medida em que são mais numerosos em um mundo onde a mobilidade aumentou, a parte dedicada às realidades exóticas expande-se. Esse é o contexto em que Hartshorne inicia sua produção científica, marcado também por uma transição entre a Geografia Clássica e a Geografia Moderna.

Considerado por Andrade (1987, p. 79) como “o maior teorizador da escola clássica nos Estados Unidos”, Hartshorne alvitra por meio de sua obra acadêmica analisar questões sobre a natureza da ciência geográfica e seus problemas metodológicos, tendo como fonte fundamental para seus argumentos a Geografia Alemã do início do século. Dessa maneira, o teórico norte-americano busca exaustivamente “estabelecer

uma metodologia capaz de fazer da Geografia Moderna uma disciplina rigorosa e científica” (GOMES, 2003).

A sistematicidade e objetividade do trabalho geográfico empreendido por Hartshorne permite uma superação do nível da descrição, atingindo por consequência a análise científica tão almejada. Isso contribui para emersão do autor como um dos mais importantes pensadores na história da Geografia, ocupando um papel de destaque perante a produção científica vindoura.

Por fim, deve-se considerar Hartshorne como símbolo de um trabalho coletivo, sendo que a sua produção acadêmica só pode ser compreendida levando em consideração o contexto cultural, técnico e científico vigente a partir do período entre guerras. O autor debruça-se sobre o conhecimento geográfico acumulado, representado principalmente pelos trabalhos de Kant e Hettner, para propor novos enfoques teórico-metodológicos no âmbito da Geografia.

4 | RICHARD HARTSHORNE: UMA TRAJETÓRIA PELA GEOGRAFIA

Richard Hartshorne (12 de dezembro de 1899 – *Kittannig, Pennsylvania*) eminente geógrafo norte-americano, realizou seus estudos de graduação na Universidade de Princeton entre os anos de 1917 e 1920. Realizou seu doutoramento no período de 1921 a 1924, tendo sido um aluno de elevado destaque na Universidade de Chicago, principalmente devido à importância e a variedade das temáticas abordadas em seus trabalhos, pois este recebeu o título de doutor com grande louvor devido a sua tese: *The Port of Chicago: Its Commerce, Facilities and Requirement*.

Especialista em temas voltados à Epistemologia da Geografia, Metodologia Científica, além de Geografia Econômica, Regional e Política, Hartshorne passou a exercer papel de destaque na comunidade científica norte-americana. Entre os anos de 1924 e 1940 ministrou aulas na Universidade de Minnesota, tendo publicado, no ano de 1939, o alentado trabalho *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*, o qual foi editado pelos *Annals of the Association of American Geographers* (volume XXIX, números 03 e 04), tendo o mesmo logo se transformado em livro, dado o impacto que provocou, gerando imensa polêmica na esfera acadêmica devido à inovação teórica implementada.

Em 1938, o professor Richard Hartshorne, então da Universidade de Minnesota, ficou afastado de sua universidade em licença de um ano para estudos de campo na Europa. Ele foi incumbido de realizar estudos minuciosos de certas fronteiras políticas europeias; mas o ano de 1938 não era o mais propício para se examinar essas fronteiras *in loco*. Em vez disso, Hartshorne passou esse período organizando um relatório sobre o desenvolvimento do pensamento geográfico, graças a leituras feitas em bibliotecas europeias e visitas a numerosos geógrafos europeus. Em 1939, publicou sua obra monumental — *The Nature of Geography*. A revelação das ideias geográficas, da época dos gregos antigos ao presente, é descrita em *The Nature of Geography* de maneira magistral. (JAMES, 1970, p. 10-11).

Durante o período da Segunda Guerra Mundial (1941-1945), Hartshorne atuou junto ao Escritório de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos, onde desenvolveu pesquisas e análises direcionadas ao campo da Geografia Política. Assim, o autor se tornou referência para os estudos posteriores produzidos nesta área, pois além de coordenar um seleto grupo de pesquisadores responsáveis por arquitetar um plano estratégico de defesa para os Estados Unidos, frente à *Geopolitik* produzida em território alemão e apropriada pelo III *Reich*, também foi capaz de teorizar em torno do aspecto metodológico deste ramo da ciência geográfica. Desse período destaque-se um significativo conjunto de artigos publicados principalmente no *Annals of the Association of American Geographers*, bem como o livro produzido em parceria com Derwent Whittlesey e Charles Colby, intitulado *German Strategy of World Conquest* (1942).

O Escritório de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos (*US Office of Strategic Services – OSS*), órgão precursor da Agência Central de Inteligência (CIA), foi inaugurado em 1941, objetivando recolher, analisar e divulgar informações e matéria sobre segurança nacional. Richard Hartshorne ocupava uma função administrativa central, responsável por supervisionar a atribuição, produção, habilitação e distribuição de todos os relatórios de pesquisa. Ao pesquisar e escrever os relatórios, os geógrafos que atuavam no OSS (havia mais geógrafos no OSS do que em qualquer outro órgão do governo dos EUA) interagiam em estreita colaboração com outros cientistas sociais (BARNES, 2011).

O OSS engajou-se na guerra pela aplicação sistemática da ciência social. Não foi o primeiro corpo institucional a fazê-lo, mas até a época era o mais abrangente e organizado. Argumentei que o trabalho de Bruno Latour fornece a base para a compreensão das operações do OSS, bem como o papel dos geógrafos nele. Latour está interessado na mecânica de aquisição e divulgação do conhecimento científico, “ciência em ação”. Embora o contexto seja diferente, o OSS visou fundamentalmente à aquisição e divulgação de conhecimento, a inteligência militar em ação. Diante dessa equivalência, o vocabulário e o quadro explicativo de Latour são bem adequados. Eles fornecem uma compreensão das funções maiores, aparelhos e práticas do OSS, bem como o papel e os problemas que enfrentaram grupos específicos de cientistas sociais que lá trabalharam, tal como os geógrafos. (BARNES, 2006, p. 162, tradução nossa).

Posteriormente, Hartshorne transferiu para a Universidade de Wisconsin onde lecionou até aposentar-se em 1970 e, dela se tornar professor emérito, tendo sido presidente da Associação Americana de Geógrafos no ano de 1949, da qual recebeu a honraria máxima em 1960. Tornou-se doutor *honoris causa* pela Clark University em 1971, além de ter recebido a *Victoria Medal* por parte da *Royal Geographical Society* (1984), a qual já havia sido concedida a Carl Troll, Carl Sauer, Jean Gottmann, entre outros.

Em 1959, ao publicar a obra *Perspective on the Nature of Geography*, também pelo *Annals of the Association of American Geographers*, Hartshorne realiza uma nova discussão em relação à temática abordada no trabalho de 1939, o que faz com

que o seu pensamento passe a ter ainda mais influência sobre a Geografia Norte-Americana, quanto fora dela. Neste livro o autor executa uma clara exposição das ideias advindas de Kant e Hettner, pensadores que tiveram grande influência sobre a produção hartshorniana, além de buscar uma solução para os graves problemas por ele identificados em relação à teoria e método em Geografia.

Richard Hartshorne faleceu aos 92 anos (05 de novembro de 1992 – *Madison, Wisconsin*) tornando-se um “clássico” da ciência geográfica, tendo contribuído de maneira indispensável para o desenvolvimento da Geografia durante o século XX. Isso porque, esse autor aparece como uma espécie de consciência mundial dos caminhos espinhosos que a Geografia passou a percorrer a partir do período entre guerras (CLAVAL, 1981; MENDONZA [et al.], 2002; ANDRADE, 1987; e, MORAES, 2003).

5 | A QUESTÃO DO MÉTODO NA OBRA HARTSHORNIANA

A Geografia moderna nasce como um projeto da revolução burguesa. E como um fenômeno alemão, em que a revolução burguesa mais se atrasa. Hartshorne informa que, no formato de base com que se conhece, nasce por meio dos estudos de Immanuel Kant (1724-1804). Este não era geógrafo de formação, mas um filósofo do iluminismo. Preocupava-o como filósofo o estado de defasagem em que a Filosofia se encontrava em relação ao avanço da ciência no século XVIII (MOREIRA, 2008).

Conforme as concepções de Hartshorne (1958), Kant foi o primeiro a estabelecer o conceito de espaço, o qual não influenciou de maneira direta o pensamento geográfico moderno. Segundo o autor, pode ter havido uma influência indireta através de conexões parciais e incertas: por meio de Ritter em menor grau, mas possivelmente em maior grau através do efeito que teve no pensamento de Humboldt, sendo posteriormente melhor trabalhado por Richthofen e Hettner.

O período que se estende do início do século XIX ao começo do XX representa um dos momentos mais ricos e contraditórios do pensamento e da história humana, com grandes avanços no campo científico e filosófico. Para Moreira (2008), é durante este período que o mundo conhece a riqueza de teorias da chamada Geografia Clássica, representada principalmente pelas figuras de Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), os quais aparecem cronologicamente na sequência de Kant, responsável pela fundamentação e sistematização da ciência geográfica.

Entretanto, entre os anos de 1880 e 1930, há o desenvolvimento de uma corrente de pensamento que se tornou a forma de filosofia dominante na Alemanha, a qual buscou elaborar um retorno a Kant, sendo denominada de neokantismo. “O neokantismo significou a afirmação da filosofia como reflexão crítica dos valores universais, posição em confronto aberto com o positivismo do século XIX, que havia menosprezado a filosofia, considerando-a um saber inútil” (LENCIONI, 2003, p. 121).

Entre os filósofos neokantistas deve-se destacar Wilhelm Windelband, o qual

foi responsável pela elaboração de uma distinção entre as ciências. Distinguiu as ciências da natureza (buscam estabelecer leis gerais, e que foram denominadas ciências nomotéticas) das ciências da cultura, denominadas idiográficas (voltadas para a pesquisa de fatos particulares). Porém, observou que um determinado fato pode ser objeto tanto de investigação nomotética como idiográfica.

Segundo Lencioni (2003), as observações de Windelband se tornaram a problemática central na Geografia. Inspirado no questionamento da ciência geográfica ser nomotética ou ideográfica, o geógrafo e filósofo alemão Alfred Hettner (1859-1941), influenciado pelo neokantismo, procurou recuperar criticamente os estudos sistemáticos de Ratzel, Humboldt, Ritter, Marthe e Richthofen. Preocupado com a ameaça de dualidade na Geografia, claramente revelada pela questão posta por Windelband, Hettner argumentou que a Geografia não era uma ciência nomotética ou idiográfica. Era tanto uma como outra. Dizia que quando a Geografia se volta para o estudo das relações entre os fenômenos de um determinado território é uma Geografia idiográfica; porém, quando esses fenômenos podem ser classificados em categorias, possibilitando a dedução de leis gerais, ela é nomotética.

Hettner considerava que por ser a diferenciação da superfície terrestre o que mais caracterizava os estudos geográficos, nas mais diversas concepções de Geografia, considerou ser o estudo dessa diferenciação o ponto central da Geografia. Enunciou: "A Geografia tem por objeto proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da Terra". Portanto, para Hettner, o objeto da Geografia não é o estudo da relação entre homem e meio, mas da diferenciação da superfície terrestre. (LENCIONI, 2003, p. 122-123).

Hettner, ao afirmar o caráter corológico da Geografia, também acabou por conferir significativa importância ao estudo regional. A influência do pensamento deste foi grande tanto em seu país, quanto perante a Geografia produzida na França e nos Estados Unidos. Entretanto, foi Richard Hartshorne quem desenvolveu e melhor divulgou as concepções hettnerianas. Isso porque, conforme destaca Lencioni (2003, p. 123):

Nascido nos Estados Unidos, mas de origem alemã, Richard Hartshorne é um marco da Geografia americana por ter introduzido naquele país, de uma maneira nova e metódica, o debate teórico-metodológico na Geografia. Ele foi o grande responsável pela divulgação das ideias de Hettner na Inglaterra e nos Estados Unidos, tendo traduzido do alemão para o inglês várias passagens dos trabalhos de Hettner, que foram objeto de ampla discussão no seu livro de 1939, *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*.

Para Hartshorne (1978), a Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência da natureza e da sociedade. Afirma que a Geografia deve procurar compreender como os fenômenos se combinam em uma área da superfície terrestre. Seguindo o pensamento de Hettner, Hartshorne considera que não há um grupo de fenômenos particulares à Geografia, pois interessam a esta ciência todos os fenômenos que apresentam uma dimensão espacial.

Desse modo, a Geografia consiste em

[...] uma ciência que interpreta as realidades da diferenciação de áreas do mundo, tais como elas são encontradas, não somente em termos das diferenças de certos elementos de lugar para lugar, mas também em termos da combinação total dos fenômenos em cada lugar, diferente daquelas que se verificam em cada um dos outros lugares. (HARTSHORNE, 1939, p. 462, tradução nossa).

Segundo o autor (1978), a Geografia se constitui em uma disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem. Esta descrição científica deve incluir tanto o que se sabe, quanto o que pode ser inferido, quer dos fenômenos, quer das relações de processos e associações de fenômenos.

De acordo com este ponto de vista, o principal objetivo do estudo geográfico é a síntese, uma integração de características relevantes, com vistas a fornecer uma descrição total de um lugar (uma região) que é identificável por sua combinação particular dessas características. Há, então, de acordo com Hartshorne (1939, p. 460), uma íntima analogia entre a Geografia e a História; a última fornece uma síntese das “seções temporais da realidade”, enquanto a primeira realiza uma tarefa similar para “as seções espaciais da superfície terrestre”.

Para Hartshorne (1939; 1978) não há fenômenos particulares à Geografia, assim como também não há um objeto de estudo que lhe seja específico. Para ele, as ciências se definem, sobretudo, por seus métodos próprios de investigação, e menos segundo a determinação de objetos particulares de estudo. Assim, segundo as explicações de Lencioni (2003), perseguindo as trilhas de Kant e Hettner, o geógrafo norte-americano considera que para a compreensão do presente é necessária à perspectiva histórica, contudo observa que essa perspectiva não se confunde com a Geografia. Afirma que não cabe à Geografia investigar a gênese e desenvolvimento dos fenômenos. O olhar do geógrafo deve estar dirigido para a apreensão do caráter das áreas, não se confundindo com o olhar do historiador, interessado nos processos em si. Isso porque, cabe ao geógrafo entender a diferenciação das áreas da superfície terrestre.

Hartshorne posiciona suas análises em direção ao conceito hettneriano de diferenciação de áreas em superação ao campo vidaliano da Geografia Regional. Na concepção de Hettner o conceito de região se amolda aos conceitos mais abstratos, porém mais basilares, de recorte e de área, todos entendidos como formas de manifestação do processo de diferenciação, ao contrário da identidade que informa o conceito de região.

Conforme análises de Moreira (2008, p. 37):

Área e diferença são, pois, suas categorias de referência. Área como recorte de base do movimento de diferenciação [...], que em seu processo de ocorrência aqui e ali se arruma na superfície terrestre nas formas empíricas da região, da zona, do lugar, fazendo do todo da superfície uma corologia com seu mosaico de paisagens. Diferença como realidade instituída pelo movimento de diferenciação dos fenômenos em seus deslocamentos e recortamentos na superfície terrestre. E, mais a superfície terrestre, pois, como campo do interesse explicativo do geógrafo. Se a diferenciação de área — ou a diferenciação do movimento do fenômeno em diferentes áreas de paisagem — é o enfoque, a superfície terrestre é o campo que

Para Gomes (2003), o criticismo de Hartshorne, legado de Kant e Hettner, busca a generalização através do estabelecimento de conceitos claros e objetivos. O mais importante é, sem dúvida alguma, o de região. Este conceito está na base da concepção científica da diferenciação espacial e, a partir de sua definição, a Geografia pode desenvolver um método regional fundado na análise comparativa das estruturas espaciais.

Hartshorne (1939) demonstra que desde Kant, passando por Humboldt e Ritter, a Geografia teria se caracterizado por ser o estudo das diferenças regionais. Este é, pois, o traço distintivo que marca a natureza da Geografia e a ele deve-se ater. O método corológico/regional, ou seja, o ponto de vista da Geografia, de procurar na distribuição espacial dos fenômenos a caracterização de unidades regionais, é a particularidade que identifica e diferencia a Geografia das demais ciências. Há outros campos que estudam os mesmos fenômenos, mas só a Geografia tem esta preocupação primordial com a distribuição e a localização espacial e este ponto de vista é o elemento-chave na definição de um campo epistemológico próprio à Geografia.

O método corológico/regional, segundo Hartshorne (1939; 1978), orienta a Geografia em direção à reunificação de seu campo de pesquisas físicas e humanas, pois a região é a síntese destas relações complexas. Os fatores humanos e naturais não têm que ser identificados separadamente — qualquer insistência anterior nessa direção ocorreu em função dos argumentos dos deterministas ambientais — e a divisão entre Geografia Humana e Geografia Física é infeliz, porque ela limita a esfera de integrações possíveis no estudo da realidade.

Em suma, para Hartshorne (1978), a Geografia não pode ser considerada como dividida em estudos que analisam elementos individuais através do mundo, e estudos que analisam complexos totais de elementos, por áreas. Aqueles constituem, logicamente, parte integrante das ciências sistemáticas respectivas, ao passo que estes simplesmente são irrealizáveis. Todos os estudos de Geografia analisam as variações espaciais e as conexões de fenômenos em integração. Não existe dicotomia ou dualismo. Pelo contrário, verifica-se uma gradação ao longo de um *continuum*, desde os estudos que analisam os complexos mais elementares em variação espacial através do mundo, até os que analisam as mais complexas integrações em variação espacial dentro dos limites de áreas reduzidas. Os primeiros podem ser adequadamente denominados “estudos tópicos” e os segundos, “estudos regionais”, desde que nos lembremos de que todo e qualquer estudo verdadeiramente geográfico envolve o emprego de ambos os critérios, o tópico e o regional.

A grande maioria dos geógrafos reconhece que o mundo não é um mosaico de regiões distintas, e que não podemos esperar classificar as integrações mais complexas dos fenômenos espaciais num único sistema objetivo de regiões. Não obstante, esses geógrafos admitem que é necessário, a fim de analisar as integrações complexas em termos de uma limitada amplitude de variações espaciais, dividir as grandes áreas em parcelas menores. A finalidade de dividir-

se uma área é obter seções de áreas, ou “regiões”, de tal forma que, dentro dos limites de cada região, os elementos do segmento de integração que for objeto de estudo demonstrem apresentar inter-relações quase constantes e o máximo grau de interconexões entre os lugares, ao passo que a descontinuidade nesses dois aspectos ocorrerá principalmente ao longo das linhas divisórias das diversas regiões. Quanto mais complexo o segmento de integração que for estudado, maior será o grau de divisão das áreas. Por conseguinte, conforme observou Preston James, o “conceito regional” e o “método regional” não devem ser confundidos com o que comumente denominamos “Geografia Regional”. Efetivamente, o conceito regional é aplicável, e o método regional utilizável, em qualquer nível de estudos geográficos, ao longo de um *continuum* que começa pela análise das integrações mais elementares (a abordagem tópica extrema) até chegar à integração máxima (a abordagem regional extrema). (HARTSHORNE, 1978, p. 137).

O contraste expresso pelos termos Geografia Sistemática ou Geografia Geral, em oposição a Geografia Regional, não consiste para Hartshorne (1978) na divisão da Geografia em duas partes. Igualmente não se trata de uma oposição entre dois métodos distintos de investigação, a serem empregados separadamente cada um deles em determinadas pesquisas. Qualquer que seja a extensão da área estudada interessa analisar uma integração de fenômenos extremamente complexa que varia conforme as áreas, de maneira também altamente complexa. Para decompor essa dupla complexidade de maneira mais viável, é necessário, em qualquer pesquisa geográfica, empregar dois diferentes métodos de análise em grau variável e alternadamente: análises de segmentos de integração e análises de seções de áreas.

Decompomos a complexidade total da integração formada pelos fenômenos inter-relacionados no mesmo lugar, e interligados entre vários lugares, pela divisão tópica em segmentos, cada qual consistindo em uma integração menos complexa e mais íntima. E decompos a complexidade da variação espacial pela divisão regional em unidades de áreas, cada qual incluindo uma amplitude restrita nas variações do segmento de integração que for objeto de estudo, e uma interconexão mais estreita dos fenômenos, de lugar a lugar. Quanto maior o grau de divisão tópica, menor grau de divisão regional será necessário. E com a crescente complexidade dos segmentos tópicos, mais longe deverá ser levada a divisão regional (isto é, em maior número de unidade). Os estudos geográficos não se dividem em dois grupos, mas se distribuem ao longo de um *continuum* gradual, a partir dos estudos tópicos de integração mais elementar, num extremo, até os estudos regionais da mais completa integração, no outro extremo. (HARTSHORNE, 1978, p. 152).

Segundo o autor (1978), a divisão particular da integração tópica total, capaz de proporcionar segmentos que revelam as mais estreitas integrações, não poderá ser determinada por qualquer sistema padrão, tal como a classificação dos fenômenos nas Ciências Sistemáticas. Um único sistema padrão de divisão regional tampouco poderá proporcionar unidades de áreas dotadas de um mínimo de variação da integração a ser estudada. Cada divisão há de ser determinada, em cada estudo particular, mediante o exame preliminar da área através da abordagem (*approach*) oposta. E, esse método alternativo prosseguirá através de sucessivas etapas do estudo.

Por conseguinte, os dois métodos de abordagem se utilizam do critério regional, isto é, da divisão em seções da área total que for objeto de estudo, cada uma das quais possuindo um grau máximo de unidade, quer de caráter, quer de organização

coerente, ou ainda, de uma e outra coisa. No entanto, se estiver sendo utilizado, em um dado momento, o critério tópico ou o critério regional, podem ser aplicados da maneira mais eficiente diferentes conceitos de regiões.

Quando se emprega o critério tópico, é mais eficiente utilizar regiões que sejam objetivamente definidas, seja em termos da integração parcial dos fenômenos no mesmo lugar (regiões formais), seja em termos da interconexão parcial dos fenômenos em lugares diferentes (regiões funcionais). Em qualquer dos casos, tais regiões poderão ser estudadas como regiões específicas ou como tipos genéricos. Estas serão mais úteis se definidos em termos restritos (ainda que tal sistema deixe de proporcionar uma completa cobertura da área), e não em classes que ofereçam uma categoria para todos os lugares.

Quando se emprega o critério regional, é necessário combinar de diversas maneiras os conceitos objetivamente definidos, acima relacionados, e modificar os critérios a fim de incluir cada lugar da área em estudo dentro de uma região. As regiões assim estabelecidas variam segundo a unidade regional e envolvem, necessariamente, julgamentos subjetivos em sua definição e delimitação. Conseqüentemente, esse conceito de região não pode ser estabelecido mais rigorosamente do que o significado comum da palavra, o qual indica uma área que, de certa maneira particular, é diferente de outras áreas. A divisão regional de uma área, nessa base, deve ser efetuada para atender aos propósitos do estudo particular, e não se pode presumir que seja adequada a qualquer outro estudo da mesma área. (HARTSHORNE, 1978, p. 153).

Para Hartshorne (1939), a região não é uma realidade evidente, dada, a qual caberia apenas ao geógrafo descrever. A região é um produto mental, uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço. Assim, a categoria região representa a síntese das complexas relações entre a Geografia Física e Humana, sendo, ao mesmo tempo, o campo empírico de observação e o campo da verificação das relações gerais. A partir de um método corológico/regional, a dicotomia sistemático/particular desaparece em uma espécie de complementaridade compreendida na noção de região.

A região enquanto instrumento de identificação territorial do geógrafo é, de acordo com Hartshorne, um objeto individual; a realidade existente, não-conceitualizada, é sempre única, pois há uma dimensão incontornável de singularidade que não pode ser esquecida. Dessa maneira, as regiões são caracterizadas por sua homogeneidade quanto a características preestabelecidas, selecionadas em função de sua relevância no esclarecimento das diferenças de áreas. Para o autor (1939, p. 616), dois tipos de região podem ser identificados: “a *região formal* (ou região uniforme), na qual toda a área é homogênea quanto ao fenômeno ou fenômenos considerados; e, a *região funcional* ou *nodal*, na qual a unidade é conferida pela organização em torno de um nó comum, que pode ser a área-núcleo de um Estado, ou uma cidade no centro de uma área de relações comerciais” (tradução nossa).

Pode-se dizer que quando Hartshorne (1978) discute o conceito de região, afirma que esta categoria da Geografia não existe por si mesma e que por isso o pesquisador (geógrafo) não procede à sua identificação e nem a reconhece; o que existe é a realidade a ser examinada e compreendida. Para o autor, as regiões são

apenas ferramentas e, seguindo a linha de pensamento de Kant e Hettner, sustenta que as regiões são apenas construções mentais, isto é, simplificações do mundo que a mente usa para impor um ordenamento espacial.

Esta perspectiva vai estar no centro da crítica feita pela Geografia Analítica que contesta o interesse da ciência por tudo o que é singular. Dessa forma, segundo Gomes (2003), Hartshorne reivindica a ideia de uma Geografia Geral e a necessidade de generalização e de objetivação da ciência moderna, mas ao mesmo tempo proclama a irreduzível dimensão e importância do estatuto da singularidade, do único no objeto de estudo da Geografia.

Entretanto, as ideias estabelecidas por Gomes (2003), demonstram que para Hartshorne:

O estatuto científico da Geografia é dado também por sua relação com as outras disciplinas, e aí também o método tem um papel fundamental. Hartshorne toma para si a ideia de Hettner, segundo a qual diferentes disciplinas se apresentam como diversos pontos de vista sobre os fenômenos. Não há verdadeiramente diferenças de objetos científicos, e a ciência é definida por um campo único, em que cada disciplina projeta seu ponto de vista particular através de seu método específico. Hartshorne, inspirado pela classificação das ciências de Kant, sugere uma separação entre, de um lado, as ciências sistemáticas e, de outro, a Geografia e a História. A História se ocupa do caráter dos diferentes momentos na escala do tempo, e a Geografia do caráter dos diferentes espaços e dos lugares. De fato, ele conclui que esta separação é relativa, pois a Geografia, por seu método corológico e por seu ponto de vista (*areal relationship*), intercepta todos os outros domínios disciplinares. Ela é definida como sendo uma ciência de síntese em relação aos outros ramos sistemáticos, que se caracterizam pela análise particular de certos fenômenos. (GOMES, 2003, p. 241).

Hartshorne empreende uma inovação epistemológica com relação à abordagem da questão do método nas pesquisas de cunho geográfico. Através da utilização em seus estudos de um método com bases empírico-indutivas, o autor rejeita e supera os métodos até então empregados na Geografia, além de também demonstrar sua constante preocupação em relação à estruturação de uma metodologia própria a este ramo do saber científico.

Para Johnston (1986), Hartshorne ao proclamar que “o objetivo último da Geografia, ou seja, o estudo da diferenciação de áreas do mundo, se expressa mais claramente na Geografia Regional” promove, conseqüentemente, a aceitação geral de procedimentos necessários para a identificação regional.

Nesse sentido, segundo Hartshorne (1978), a análise regional, enquanto parte do fenômeno de diferenciação de áreas, deve sempre objetivar a identificação das inter-relações existentes entre os fenômenos, pois é em decorrência dessas combinações que se produz a integração. A partir das inter-relações dos fenômenos é que se produz a diversidade na superfície terrestre.

Por último, cabe lembrar que através do resgate do pensamento de Hettner e, conseqüentemente, das ideias de Kant, Hartshorne foi capaz de evidenciar a problemática do uso do método na ciência geográfica, propiciando um avanço teórico a

este ramo do saber científico. Para Claval (1981), a exploração histórica empreendida por este geógrafo demonstrou para a maioria da comunidade científica geográfica até então determinista, e também para as gerações posteriores de geógrafos, que a Geografia se diferencia da maioria das demais disciplinas pelo fato de que consiste, sobretudo, em uma ciência-método.

No campo da Geografia Regional, Hartshorne afirmou que a Geografia pode ser considerada uma ciência da diferenciação regional da superfície terrestre. Através da proposição de uma Geografia Idiográfica e Nomotética, este teórico foi capaz de articular a Geografia Regional à Geografia Geral, bem como superar alguns aspectos dicotômicos desse ramo do conhecimento.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das temáticas enfocadas durante o texto torna-se possível inferir que Richard Hartshorne ocupa um papel de destaque no *hall* de pensadores responsáveis por significativas mudanças teórico-metodológicas na Geografia. Isso porque, este foi capaz de realizar algo inédito até então, ou seja, desenvolver uma sistematização de significativa parcela das teorias produzidas pelos autores “clássicos” desse ramo do saber científico.

Hartshorne (1958) considera que a concepção corológica e regional são inseparáveis da prática da Geografia enquanto disciplina. Para este, uma Geografia científica deve se definir a partir de um método, para assim, proceder à análise racional da realidade, organizando categorias gerais e tipologias funcionais explicativas.

Cabe destacar que a noção de método presente na obra hartshorniana deriva da adoção da concepção de Geografia como o estudo da diferenciação de áreas, o que foi legado de Hettner. Por sua vez, esta conceptualização encontra-se relacionada com a classificação da Geografia enquanto ciência corológica, o que advém diretamente de Kant.

Efetivamente, para Hartshorne (1978), o conceito regional é aplicável, e o método regional utilizável, em qualquer nível dos estudos geográficos, ao longo de um *continuum* que começa pela análise das interações mais elementares (abordagem tópica extrema) até chegar à integração máxima (abordagem regional extrema).

Por fim, deve-se ressaltar que ao desenvolver suas reflexões sobre a natureza da Geografia como ciência, Hartshorne tornou-se o teorizador mais importante da Escola Clássica Norte-Americana de Geografia, sendo que sua produção acadêmica encontrou repercussão, dado o seu caráter amplo e explicitamente metodológico. Este foi responsável por realizar uma modernização no arcabouço teórico da Geografia Clássica, sendo capaz de manter a essência da busca de um conhecimento unitário. Através da publicação de *The Nature of Geography* (1939) e *Perspective on the Nature of Geography* (1959), o autor transformou o debate teórico-metodológico até então desenvolvido no âmbito da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência da Sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- BARNES, Trevor J. From Region to Space (part I). In: AGNEW, John; DUCAN, James. **Human Geography**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 146-160.
- _____. Geographical Intelligence: American geographers and research and analysis in the Office of Strategic Services 1941-1945. **Journal of Historical Geography**, v. 32, n. 1, 2006. p. 149-168.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea**: uma introducion a la Geografía. 2. ed. Barcelona: Barcanova, 1983.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- _____. **Evolución de la Geografía Humana**. 2. ed. Barcelona: Oikos-Tau, 1981.
- ENTRIKIN, J. Nicholas; BRUNN, Stanley D. **Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography**. Washington: Association of American Geographers, 1989.
- FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, André Ferrer Pinto Martins. **História da Ciência – o que é?** Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GREGORY, Derek [et al.] (Org.). **The Dictionary of the Human Geography**. 5. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- HARTSHORNE, Richard. On the Mores of Methodological Discussion in American Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 38, n. 2, 1948. p. 113-125.
- _____. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- _____. The Concept of Geography as a Science of Space, from Kant and Humboldt to Hettner. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 48, n. 2, 1958. p. 97-108.
- _____. The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 29, n. 3 e 4, 1939. p. 173-658.
- JAMES, Preston E. Continuidade e Mudança do Pensamento Geográfico Americano. In: COHEN, Saul B. [et. al]. **Geografia Humana nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Fórum, 1970. p. 04-15.
- JOHNSTON, Ronald J. **Geografia e Geógrafos**: a Geografia humana anglo-americana desde 1945. São Paulo: DIFEL, 1986.
- KRAGH, Helge. **Introdução à Historiografia da Ciência**. Porto: Porto Editora, 2003.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MARTIN, Geoffrey J. In Memoriam: Richard Hartshorne, 1899-1992. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 84, n. 3, 1994. p. 480-492.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos. 2. ed. Madrid: Alianza, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.

SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2002.

UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1995.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

